

Prólogo

A dimensão metodológica da pesquisa em comunicação tem revelado uma forte presença da lógica instrumental positivista que cultua as formas estatísticas vulgares, como sinônimo de «objetividade» e de «exatidão». Nesse sentido, a vertente hegemônica intelectual estadunidense continua marcando de modo avassalador a produção de manuais, receituários, coletâneas, relatórios e demais produtos que restringem as problemáticas investigativas à aplicação de determinadas fórmulas, equações ou algoritmos de moda que, para a comodidade do senso comum acadêmico, «resolve» a parte metodológica dos projetos investigativos realizados em trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses.. O fato é que essa perspectiva pouco contribui para o aperfeiçoamento das pesquisas e em nada colabora para que se institua um campo científico transformador e forte na área de ciências da comunicação. Essa perspectiva metodológica fomenta, isso sim, um *neocolonialismo intelectual* subserviente dos centros de poder mundial, treinando técnicos em operações repetitivas que produzem resultados irrisórios.

Este livro aglutina uma série de concepções metodológicas e experiências de pesquisa que se situam em outra vertente de produção de conhecimento. Entre suas premissas se destacam os aspectos éticos, públicos, aglutinantes, dialógicos, transformadores, críticos e renovadores da pesquisa em comunicação. Para organizar a estrutura editorial da obra, optou-se por dividi-la em três partes.

A primeira parte, que versa sobre *O metodológico na pesquisa de sujeitos comunicantes*, é composta por quatro textos que abordam o conjunto de níveis de problematização metodológica, dos epistemológico-filosóficos aos técnico-vivenciais; procuram, desse modo, suscitar nos leitores reflexões complexas sobre seus afazeres investigativos.

No primeiro capítulo, Efendy Maldonado trabalha a inter-relação entre concepção *transmetodológica* e experiências de pesquisa em *receptivi-*

dade midiática com sujeitos comunicantes. Reflete sobre a pertinência da confluência, combinação e confrontação de métodos para formular problemáticas que vinculam produtos midiáticos e *públicos*; desconstrói a noção funcionalista de «recepção» e destaca o processo comunicacional dialógico e complexo dos sujeitos históricos implicados nas pesquisas e nas relações com os sistemas midiáticos.

À continuação, no capítulo dois, Jiani Bonin examina os desenhos metodológicos da pesquisa em «recepção», questionando as perspectivas que pretendem formalizar os processos de pesquisa com sujeitos históricos. Detalha os bastidores da construção de investigações propondo bifurcações construtivas. Argumenta sobre a necessidade da perspectiva epistemológica histórica para a área da comunicação, mostrando experiências e propondo questões metodológicas centrais, como a construção de contextos relevantes, a definição de fontes, o trabalho com informantes-chave, a combinação diacrônica-sincrônica e a formulação de diversos desenhos de pesquisa para cada projeto.

No terceiro capítulo, Nilda Jacks apresenta estratégias metodológicas desenvolvidas em pesquisas empíricas; problematiza as inter-relações comunicação e cultura focalizando reflexões e debates realizados na América Latina a partir da década de 1980. Organiza suas explorações metodológicas situando a categoria de *identidade cultural* como angulação central para pensar as questões de comunicação. Atualiza as reflexões sobre *recepção* introduzindo a problemática da *convergência transmidiática*; compreende esse fenômeno como transformador das relações das audiências e dos sujeitos com os meios de comunicação, questionando a pertinência do termo *recepção* na nova realidade midiática instaurada com o advento da internet.

O quarto capítulo é obra de Veneza Ronsini, que argumenta sobre a inserção da «pesquisa de recepção» na ampla vertente dos *Estudos Culturais*; explicita suas escolhas epistemológicas e os conceitos derivados, problematizando as distinções entre «recepção» e «consumo midiático» e a centralidade do conceito «classe social» nos projetos por ela realizados nas duas últimas décadas. Nessa perspectiva, pensa a reprodução das desigualdades sociais e a produção de novas visões de mundo; situa os processos culturais amplos como definidores das classes sociais, dos grupos e dos gêneros e examina a programação televisiva como legitimadora da ordem social.

A segunda parte do livro tem como eixo articulador *Metodologia e cidadania comunicativa* e está constituída por quatro capítulos. No capítulo cinco, Luiz Roberto Alves reflete sobre o conceito de *bem-público*,

apresentando desafios metodológicos relacionados à pesquisa em cultura e comunicação. O autor argumenta sobre a presença do homem na terra, relaciona as metodologias com modos de ler o mundo e estabelece nexos entre cinema, literatura, arte e ciência para mostrar a necessidade de situar a cultura e comunicar mediações. Inter-relaciona autores brasileiros e europeus, apresentando confluências necessárias entre diversos campos de conhecimento e diversas teorias. Relaciona, também, discurso, conhecimento e realidades históricas, mostrando a pertinência dos modelos teóricos nas análises comunicativas do real.

De autoria de Ângela Pavan, o sexto capítulo do livro apresenta os projetos realizados pela autora e suas equipes de pesquisa, nos quais combina produção de conhecimento e realização de documentários. Resulta instigante a inter-relação de teorias comunicativas e antropológicas para formular projetos investigativos e produzir comunicação, como também, a confluência de vários métodos para a estruturação de trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrado e projetos de extensão. A autora mostra, em realizações concretas, a riqueza da perspectiva transmetodológica e a necessidade de confluência entre disciplinas, teorias, métodos e estratégias.

No capítulo sete, Deisimer Gorczewski e Nair dos Santos argumentam sobre o vídeo como dispositivo na pesquisa/intervenção com juventudes. São analisadas experiências de trabalho em Porto Alegre e Fortaleza, em perspectiva cartográfica, mostrando como o vídeo pode ser um *dispositivo analisador* e um *jogo estratégico* para conhecer grupos juvenis, territórios subalternos e realidades socioculturais. As autoras mostram, em experiências concretas, a força da confluência da produção audiovisual comunicativa, as construções metodológicas e os processos de pesquisa.

Esta segunda parte do livro é completada pelo capítulo oito, a cargo de Elson Faxina, que trabalha as problemáticas do espaço público audiovisual, da participação cidadã dos produtores comunicativos, da necessidade de transformação das estruturas, modelos e concepções dos afazeres jornalísticos mediante uma pesquisa sistemática que confronta e desconstrói discursos, modelos, produtos, concepções e realizações na TV pública brasileira.

A terceira parte do livro tem como linha principal aglutinante *Desafios metodológicos na dimensão digital*. No capítulo nono, Maria Cristina Gobbi argumenta sobre as inter-relações entre conhecimento e saber; situa as problemáticas gnosiológicas e epistemológicas na realidade contemporânea marcada por intensos processos de midiaticização, informa-

tização e digitalização. Defende a necessidade de dar sentido filosófico e ético aos afazeres científicos; fundamenta sobre a necessidade de escolhas transdisciplinares e transmetodológicas para os desafios de investigação na dimensão digital. Mostra, de modo sistemático, o caráter imprescindível da pesquisa teórica em comunicação como alicerce das diversas práticas de pesquisa.

No capítulo dez, Richard Romancini problematiza a internet e as reconfigurações que ela gera sobre a ética na pesquisa. O autor mostra as mudanças produzidas quando os objetos técnicos se afastam de lógicas mecanicistas e penetram o conjunto dos afazeres investigativos e da vida das pessoas. Argumenta sobre os modos em que as relações, os contextos, os ambientes, os procedimentos e as possibilidades de penetração intersubjetiva estruturam realidades inter-comunicantes de intensidade e complexidade singulares. Os valores, as normas, as premissas e os comportamentos válidos para realidades pré-digitais ficam profundamente questionados nas novas dimensões. Nessa conjuntura de desestabilizações, o autor propõe linhas de participação e de compromisso com os sujeitos, os grupos e a sociedade, que tornem possível desenvolver propostas de investigação plenamente atravessadas pela dimensão ética.

No capítulo onze, Gustavo Said e Michael Stricklin aduzem sobre as potencialidades de confluência metodológica entre as perspectivas de Mikhail Bakhtin e William Stephenson para trabalhar as problemáticas da subjetividade vinculadas à pesquisa em comunicação.

Consideram a construção da subjetividade individual dentro de uma rede de relações pessoais situadas num domínio simbólico comum, intersubjetivo, que aproxima a *metodologia Q*, de Stephenson das concepções *dialógicas* de Bakhtin. Nas duas vertentes as *alteridades* são decisivas para a construção comunicativa dos sujeitos. Mostram como os dois autores de referência desconstruem a noção do subjetivismo idealista e de sua ideia de sujeito centrado numa consciência transcendente; rejeitam a generalidade da proposta positivista que confere às situações investigadas e aos dados coletados uma objetividade que suprime do sujeito aquilo que ele tem de singular e único.

O livro é finalizado com o capítulo doze, de Alexandre S. Kieling, que discorre sobre a noção de *Mediosfera* como dimensão que constitui a *convergência* em termos de materialização de uma nova dinâmica na produção e distribuição de conteúdos dos meios de comunicação. Postula-se que essas dinâmicas são o entorno em que atuam lógicas de sistemas abertos e fechados que operam por interdependências e eventos interativos, que estruturam essa dimensão. Nessa perspectiva, se mostra promissor

ampliar as pesquisas e análises, trabalhando as que se estabelecem no nível das condições de produção e reconhecimento, nesse ambiente de convergência e interatividade que envolve nexos discursivos entre as emissoras e os espectadores.

Esta visualização panorâmica sobre pesquisa em comunicação em Brasil, proporcionada por esta obra, mostra um conjunto de concepções, perspectivas, experiências e realizações que comunicam modos, formas, culturas, potencialidades e realidades da investigação no país. Seu objetivo é compartilhar com pesquisadores, estudantes, professores, técnicos e cidadãos estudiosos possibilidades de construção de investigações fecundas. Não pretende representar o universo complexo de quase meia centena de programas de doutorado e mestrado da área, seu sentido é mostrar, em termos qualitativos, trajetórias, pesquisas, construções, reflexões e processos que sirvam de espaço de diálogo e de confrontação para o fortalecimento da dimensão metodológica em ciências da comunicação.

Os pesquisadores, pensadores, estudantes, iniciantes e apreciadores que problematizam a comunicação terão neste segundo volume da coleção *Metodologias Iberoamericanas* um parceiro intelectual suscitador na aventura da produção do conhecimento.

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre

PRIMEIRA PARTE

O metodológico na pesquisa
de sujeitos intercomunicantes

Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa

Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre¹

1. Questões teórico-metodológicas em debate:

É importante problematizar nas pesquisas em *receptividade comunicativa* a inter-relação entre as *práticas sociais midiaticizadas* (usos, consumos, apropriações, produções de sentido, conversações etc.) e as *estruturas das formações sociais* nas quais esses processos comunicativos acontecem. É instigante focalizar os raciocínios nas formas de realização dessas práticas comunicativas, que não são necessariamente reprodutivas, tampouco funcionais às ideologias e às lógicas do sistema hegemônico, apresentando-se em diversas ocasiões mediante expressões transformadoras dos modos de vida preponderantes, o que mostra que parte dos públicos e dos sistemas midiáticos contemporâneos sabe aproveitar as assimetrias, as brechas, as potencialidades e as facilidades que as condições técnicas comunicativas oferecem.

Na perspectiva *estrutural crítica* de Bourdieu (2007) e de sua vertente sociológica, o *habitus*² *teria a faculdade de padronizar o conjunto das*

¹ Científico Social/Catedrático do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS (Brasil). Diretor de projetos de investigação no âmbito ibero-americano e latino-americano (CAPES-CNPq-MECD). Coordenador Geral da Rede AMLAT, do GP PROCESSOCOM. Consultor científico da SBPC, ALAIC, USP, UCM, ESPM, CIESPAL, FLACSO, INTERCOM, ABCIBER, COMPÓS, UAB, UNISC, UCS. Investigador e pensador de problemáticas epistemológicas, metodológicas e teóricas no campo das ciências da comunicação. E-mail: alberto.efendy@pq.cnpq.br

² O *habitus* tem uma formulação forte na proposta de Pierre Bourdieu, que o entende como um sistema de disposições e esquemas básicos de percepção, pensamento e ação que programa o consumo dos indivíduos e das classes nas sociedades capitalistas (Cf. Bourdieu, Pierre. *La reproducción*. Barcelona, Laia, 1977)

*práticas socioculturais dos agentes e dos grupos sociais, tornando funcionais os comportamentos dos sujeitos para a lógica do sistema capitalista hegemônico. Em sintonia com esse importante referencial teórico-metodológico, constata-se padronizações e configurações esquemáticas periódicas nos usos, nas apropriações e nos consumos midiáticos dos públicos.*³ Nesses processos se apresentam continuidades culturais (marcas, tipos, estilos); formatos preferidos (matrizes); estratégias (gêneros, táticas); e modelos de programas que têm a propriedade de configurar grandes audiências. Os sistemas midiáticos de maior penetração, reconhecimento e poder promovem e condicionam condutas receptivas repetitivas, como, por exemplo, preferências por formatos melodramáticos, grotescos, sensacionalistas, superficiais, exóticos, violentos e subservientes.

Olhar a partir dessa perspectiva permite-nos concordar com Bourdieu na sua argumentação sobre o *habitus* como um elemento basilar, *ordenador-programador* das práticas sociais. Não obstante a pertinência dessas compreensões, nem tudo é reprodução de elementos estruturais nos públicos. O mundo da *produção de sentido*, nas distintas culturas, é múltiplo, complexo e não configura estruturas de significações mecânicas e deterministas. As culturas fluem e estruturam comportamentos, mitologias, ideologias, crenças, rituais e formas de organização em combinações de modos de existir e de conceber o cosmos. Essas dimensões, na sua riqueza e diversidade simbólica e sociocultural, não são controladas pelo sistema hegemônico (Certeau, 2005: 109-166); é assim que tanto a força da dinâmica sociocultural quanto sua inventividade cotidiana desestabilizam as *formas* e os *modos* de funcionamento do sistema.⁴

³ Essas constatações são resultados das pesquisas em *receptividade comunicativa*, realizadas e dirigidas na USP, na UNISINOS e na UAB entre 1995 e 2013.

⁴ Temos trabalhado teoricamente sobre esses aspectos filosóficos, culturais e políticos em diálogo com Marti (2007), Bakhtin (1999), Gramsci (2004), Mariátegui (1975), Zea (1976), Roig (2008; 1981), Eco (1997; 1999), Certeau (2005), Verón (2004), Mattelart (2009), Galeano (2007), Lotman (1996), Martín Barbero (2009; 1988), García Canclini (1997), Baccega (2000); como também mediante a reconstrução de pesquisas em comunicação em sintonia com Verón (2004; 2001), Fuenzalida (2011; 1992), Orozco (2010; 2001), Sánchez Ruiz (1994), Galindo, J (1993; 1988), González J (1995; 1991), Alves (2011), Maldonado (2013a; 2013b; 2012), Bonin (2013; 2012), Jacks (2012; 2011), Ronsini (2008; 2007), que problematizam a inter-relação *públicos/meios*, na qual se constata a existência de configurações comunicacionais críticas, alternativas, renovadoras, transformadoras e construtoras de novas realidades socioculturais comunicativas.

Ao refletir sobre a problemática do *gosto*, perguntamo-nos sobre sua estruturação concreta nos públicos, pondo em dúvida se a sua configuração seria completamente programada, de acordo com os condicionamentos estilísticos oferecidos para cada classe social. Nos resultados das pesquisas entre 1998 e 2013,⁵ constatamos que em parte sim, os públicos seguem padrões estéticos que correspondem às suas situações de classe; paralelamente também comprovamos que não, já que, nas suas vivências e processos, os sujeitos receptivos adotam e misturam formatos, vertentes e possibilidades estéticas diversas. As investigações constataam padrões estéticos comuns em diferentes classes, em especial os relacionados com a programação midiática de ampla penetração social; porém, simultaneamente, comprova-se uma heterogeneidade

⁵ Refere-se aos projetos de pesquisa 1) *Ficção e Realidade: a Telenovela no Brasil, Brasil na Telenovela*, ECA-USP (1995-1999), 2) *Transnacionais da televisão latino-americanas: as inter-relações Brasil-América Latina apresentadas pela grande mídia televisiva* (2000-2002) (UNISINOS-FAPERGS, CNPq); 3) *As estruturas televisuais sobre América Latina nas redes Bandeirantes, SBT e Globo: Produtos midiáticos, estratégias e recepção* (2002-2004) (UNISINOS-CNPq-FAPERGS); 4) *América Latina midiaticizada: produtos televisivos e recepção/As configurações da TV Educativa e a Rede Record na construção audiovisual dos latino-americanos e a sua realidade sociocultural/As significações fabricadas pelos seus telespectadores sobre a região* (2004-2006) (UNISINOS-CNPq-FAPERGS); 5) *Mídia e interculturalidade: estudo das estratégias de midiaticização das migrações contemporâneas nos contextos brasileiro e espanhol e suas repercussões na construção midiática da União Européia e do Mercosul* (2004-2008) (CAPES-UNISINOS-UAB-MECD); 6) *Processos midiáticos e inter-relações socioculturais: análise das estratégias de fabricação simbólica de alteridades culturais nos meios de comunicação espanhóis, e investigação de recepção midiática sobre a produção de significações a respeito da migração por cidadãos de Catalunya e migrantes que moram nessa comunidade autônoma* (CAPES-UAB-2004-2005); 7) *A transmetodologia: o desafio de estruturação epistemológica das estratégias de investigação científica em comunicação no umbral do século XXI* (UNISINOS-CNPq-FAPERGS- 2006-2010); 8) *Rede Temática: Comunicação, Cidadania, Educação e Integração na América Latina* (2009-2012- CNPq-UNISINOS-UNC-UNESR-UCE-UFPB-UFSC-IELUSC-UFRN); 9) *Configurações de cadania comunicacional e cultura de integração transformadora na América Latina/ Expressões críticas relevantes na produção multimídia da Argentina, Brasil, Uruguai, Venezuela e Equador* (2011-2015- UNISINOS-CNPq-FAPERGS); 10) *Encontro de Cooperação investigativa no campo das ciências da comunicação. Diálogos transmetodológicos entre os grupos de pesquisa consolidados PROCESSOCOM (Brasil) e MIGRACOM (Espanha), 2013* (CAPES-UNISINOS-UAB).

fecunda de manifestações estéticas nos mesmos grupos e pessoas. Foi especialmente elucidativo o caso de duas famílias de setores populares que pesquisamos durante oito meses⁶ na Vila Dalva, na zona oeste da região metropolitana de São Paulo, no qual observamos, constatamos e refletimos com a colega Jiani Adriana Bonin sobre a complexidade comunicativa e estética gerada na realidade cotidiana das duas famílias, uma de favela e outra de casa auto/construída, que configuravam *distinções* importantes nos comportamentos, na produção de sentido, nas opiniões, nos gostos e na formação de competências dos membros dessas unidades familiares. De fato eram predominantes os padrões estéticos sugeridos pelos sistemas midiáticos hegemônicos, porém, e em existência simultânea a eles, algumas vezes em confluência, outras em confrontação, estabeleciam-se percepções, sensibilidades, apropriações e significações estéticas misturadas entre os padrões industriais e as manifestações de culturas étnicas, regionais, populares e de classe.

Nessas duas realidades, os grupos familiares observados eram muito próximos em termos geográficos, porém extremamente distantes em termos de competências e poderes para sobreviver. De uma parte, uma história de miséria, tragédia, fragilidade feminina, violências de todo tipo e superexploração do trabalho; de outra, educação básica, formação operária, capacidade política de organizar grupos (esportivos, religiosos), família ampliada (etnia negra) de economia solidária, constituição de uma cosmovisão transcendente sobre a vida, a sociedade, o mundo e a cultura- tudo isso concentrado no casal de pais de família, convivendo, ao mesmo tempo, com as aspirações fugazes das filhas e dos filhos a serem modelos e jogadores de futebol.

É paradoxal que, no barraco de papelão e de restos de material de construção, os sentidos de maior fortaleza e complexidade se apresentassem na subjetividade mais sofrida, uma menina negra de 10 anos, órfã (a mãe morreu jovem de AIDS), filha adotiva, negada e amada ao mesmo tempo, que gostava de ler (nas bancas de jornal e revistas, e na biblioteca da escola), de analisar (situações, realidades, relações) e de tocar piano (clandestinamente na casa de uma das patroas da mãe adotiva). Era uma menina inventiva que aproveitava a realidade de adversidades e contradições para construir um pensamento realista, possível, e aproveitava,

⁶ O trabalho foi parte do projeto integrado de pesquisa *Ficção e Realidade: a Telenovela no Brasil, Brasil na Telenovela*, do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP; as observações de campo foram realizadas entre maio de 1997 e janeiro de 1998 como parte do subprojeto de *recepção*.

orientada por essas competências, as circunstâncias para realizar ações de mudança (educativas, artísticas, analíticas). É imprescindível explicitar que, na realidade de sua escola, o ambiente educativo, constituído por professoras seguidoras da linha de Paulo Freire, foi importante. Porém, apesar de estudar na mesma escola, a irmã adotiva, branca, inteligente, sensível, construíra outros sentidos sobre a vida, estruturando ilusões românticas em afinidade com as matrizes melodramáticas oferecidas pelos sistemas midiáticos preponderantes. São estruturas, sistemas e subjetividades em inter-relação comum, que penetram e condicionam a vida das crianças e, não obstante, produzem resultados diversos nos campos de efeitos de sentido em cada realidade familiar e pessoal.

Pensar o *espaço/tempo* da *receptividade comunicativa* leva-nos, necessariamente, a situar os públicos na sua história pessoal, familiar, de classe, de região, de raça, de etnia, de tribo, de talentos-competências, de concepções e de subjetividades comunicativas. Os públicos são incompreensíveis sincronicamente; eles possuem palimpsestos que juntam histórias culturais heterodoxas, não cibernéticas e sim promiscuas, em uma configuração concreta na qual a ambiguidade, a instabilidade e a sagacidade são decisivas.⁷

As estruturas sociais, institucionais, na problemática da *receptividade comunicativa*, estão mediadas pela dimensão cultural, entendida como o *espaço-tempo* da invenção simbólica da realidade humana. Nessa perspectiva, transgressões, reproduções e novas realizações da *receptividade televisiva* deveriam ser situadas na convergência de oito dimensões de mediação: *histórica; cultural; social; ética; política; tecnológica; psicológica* e *semiótica*. Assim o comprovam as pesquisas que temos realizado nas duas últimas décadas, mostrando que a redução dessa complexidade prejudica significativamente a compreensão dos processos de *receptividade comunicativa* e, ao mesmo tempo, exige-se a formulação de estratégias *transmetodológicas* que estruturem combinações lógicas, operativas e conceituais capazes de se aproximar de modo abrangente e aprofundado desses processos.

Dado que o jogo dos poderes, das hegemonias, das perversidades e das subjugações realiza-se de maneira estratégica na mídia, é necessário

⁷ Nesse sentido as propostas de Certeau sobre a fabricação do cotidiano demonstram-se adequadas para compreender o caráter paradoxal e configurador das práticas ordinárias (comuns) das classes subalternas (Cf. Certeau, Michel, 2005 y RJ, Vozes, 1994; especialmente o capítulo III, da primeira parte: ... «*Fazer com: usos e táticas*» pp. 91-108).

construir suas problemáticas com singular sofisticação intelectual, sistematização e esforço investigativo. Sem pretender afirmar, por exemplo, que a política e os jogos políticos estejam reduzidos à sua realização midiática, comprova-se, contudo, que as inter-relações mídia-política são importantes no funcionamento das hegemonias, nos processos de transformação dos modelos vigentes e na produção de conhecimento sobre a ordem política contemporânea. O político está presente tanto nos programas de ficção quanto nos formatos realistas, ele se misturou nas diferentes formas, modelos e realizações midiáticas e comunicativas. Hoje o político não pode ser restrito à vida partidária ou às instituições de governo, tampouco aos poderes macroestruturais. A dimensão política ampliou-se para as suas múltiplas formas de exercício, construção, reprodução, transformação e negação do poder. Para a pesquisa em *receptividade comunicativa*, o *Príncipe eletrônico*⁸ apresenta-se como um desafio complexo que não pode ser ignorado, diminuído ou reduzido às suas formas liberais pelos pensadores críticos em comunicação.

A *receptividade comunicativa* tem que considerar na sua dimensão política de análise a vigência do ambiente cibernético, de vigilância generalizada de o *complexo militar industrial estadunidense*, atendendo às realidades de concentração de poder em processamento, registro, controle, espionagem, repressão e atentados contra a liberdade de comunicação e informação que a atual configuração dos poderes na internet tem. É crucial na realização das pesquisas, em diálogo com os públicos, indagar, compreender e esclarecer possibilidades de *democratização* dos processos comunicacionais contemporâneos. É necessário investigar e conhecer

⁸ «No fim do século vinte, há sérios indícios de que os «príncipes» de Maquiavel e Gramsci, assim como de outros teóricos da Política, envelheceram, exigem outras configurações ou simplesmente tornaram-se anacrônicos. Na época da globalização, alteram-se quantitativa e qualitativamente as formas de sociabilidade e os jogos das forças sociais, no âmbito de uma configuração histórico-social de vida, trabalho e cultura na qual as sociedades civis nacionais revelam-se províncias da sociedade civil mundial em formação. Nessa época, as tecnologias eletrônicas, informáticas e cibernéticas impregnam crescente e generalizadamente todas as esferas da sociedade nacional e mundial; e de modo particularmente acentuado as estruturas de poder, as tecnoestruturas, os think tanks, os lobbyings, as organizações multilaterais e as corporações transnacionais, sem esquecer as corporações da mídia. Esse pode ser o clima em que se forma, impõe e sobrepõe *O Príncipe Eletrônico*, sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da Política na época da globalização». Octavio Ianni. *O Príncipe Eletrônico*, Campinas, IFCH/UNICAMP, 1998, p. 4.

como as sociedades são informatizadas pelo projeto global de controle hegemônico do mundo; como atuam esses sistemas nos *sujeitos históricos comunicantes*; até que ponto os cidadãos são cientes dessa realidade; o quanto a ignoram; e de que modo lidam com os processos de informatização contemporâneos.

A *receptividade midiaticizada* deixou de ser assunto da microfísica dos poderes, hoje os *cidadãos comunicantes* têm a chance de contrapor ações coletivas de caráter comunicativo contra os poderes dominantes na comunicação, na política, na informação e na ordem repressiva. A conjuntura contemporânea mostra que a capacidade de controle, de vigilância sistemática e de repressão do imperialismo tem inumeráveis problemas e instabilidades. As investigações sistemáticas de Eric Hobsbawm (2012, 2011a, 2011b, 2010, 1992), Noam Chomsky (2008, 2006, 2005, 2004a, 2004b, 1996), Immanuel Wallerstein (2007, 2006, 2001, 1979), Armand Mattelart (2009, 2006, 2004, 2002a, 2002b, 1997, 1973) e Eblen Moglen (2012), entre outros importantes pensadores críticos, que concebem o mundo em perspectivas abrangentes, aprofundadas e transformadoras, comprovam as contradições estratégicas entre os oligopólios capitalistas, os seus complexos de caráter informacional/militar/industrial e a reconfiguração de *forças produtivas* e de *relações de produção* em importantes setores das sociedades, que exercem sua *cidadania científica/técnica* ao inventar cotidianamente programas, procedimentos, culturas, costumes, teorias e conjuntos de objetos que confrontam a lógica da maximização dos lucros, da superexploração do trabalho e da vigilância social.

Os *sujeitos/cidadãos* em processos de *receptividade comunicativa* contemporâneos experimentam modos e formas de inter-relação sociocultural simbólica que combinam mídias, culturas, realidades, sensibilidades e subjetividades de maneira intensa, contínua e desestabilizadora para gerar comunicações múltiplas. Noções, conceitos, ideias, categorias, estratégias e projetos de pesquisa precisam considerar essas mudanças para dar conta da multiplicidade, da diversidade e da complexidade comunicativa atual.

2. Apontamentos teóricos sobre a relevância do trabalho de campo

Construímos esta parte de nossa argumentação retomando as reflexões sobre o trabalho de campo de *receptividade comunicativa* de tele-novela realizado na zona oeste de São Paulo em finais dos anos noventa.